

**A CORAGEM E OS DILEMAS ÉTICOS E MORAIS EM CONTEXTO DE GUERRA:  
UMA ANÁLISE DA OBRA *POR QUEM OS SINOS DOBRAM*, DE ERNEST HEMINGWAY<sup>1</sup>**

***COURAGE, ETHICAL AND MORAL DILEMMA IN A CONTEXT OF WAR: AN ANALYSIS  
OF THE WORK FOR WHOM THE BELL TOLLS, BY ERNEST HEMINGWAY***

**Ana Clara Scatolini Alves de Godoy<sup>2</sup>**

**Franco Baptista Sandanello<sup>3</sup>**

**Camila Cristina de França Andrade<sup>4</sup>**

**RESUMO**

Este trabalho analisa a obra *Por quem os sinos dobram*, de Ernest Hemingway, a qual se passa durante a Guerra Civil Espanhola, e tem por propósito investigar a representação da violência e dos horrores da guerra como objeto de estudo para a exploração dos dilemas éticos e morais em um contexto de conflito, o que faz emergir diversas formas de coragem. A pesquisa fundamenta-se na importância de compreender os possíveis desafios a serem enfrentados diante de situações conflituosas e de questionamento de ideais e valores, algo recorrente em contextos de combates reais, e, assim, fornecer material relevante para a compreensão da natureza humana em contextos extremos, sendo possível empregar adequadamente o valor da coragem abordado pelo Programa de Formação e Fortalecimento de Valores (PFV). Como metodologia, foi adotada uma análise qualitativa, bibliográfica, considerando os momentos traumáticos, as reflexões acerca de ideais e valores, os dilemas e as formas de coragem retratados na obra. Dessa forma, procura-se gerar um maior entendimento sobre as complexidades psicológicas vivenciadas durante a guerra para contribuir com a formação de profissionais preparados para lidar com as situações desafiadoras e reais inerentes à carreira do oficial da Força Aérea Brasileira (FAB).

**Palavras-chave:** Literatura norte-americana; Dilemas éticos e morais; Coragem; PFV.

---

<sup>1</sup> Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Formação de Oficiais Aviadores (CFOAv) da Academia da Força Aérea (AFA).

<sup>2</sup> Cadete Aviadora Scatolini do 4º Esquadrão (Turma Árion, 2024).

<sup>3</sup> Pós-doutorado pela Universidade Estadual Paulista, com estágio pós-doutoral na Université Sorbonne Nouvelle - Paris III e na Université Lumière Lyon II. Professor adjunto da Academia da Força Aérea, professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão. E-mail: [fbsandanello@gmail.com](mailto:fbsandanello@gmail.com).

<sup>4</sup> Pós-graduação em Ensino de Língua Inglesa pela Faculdade Única de Ipatinga. 2º Tenente Magistério de Língua Inglesa Superior na Academia da Força Aérea. E-mail: [andradeccfa@fab.mil.br](mailto:andradeccfa@fab.mil.br).

## ABSTRACT

This work analyzes the novel *For Whom the Bell Tolls* by Ernest Hemingway, which is set during the Spanish Civil War. Its purpose is to investigate the representation of violence and the horrors of war as an object of study for exploring ethical and moral dilemmas in a conflict context, which gives rise to different forms of courage. The research is based on the importance of understanding the possible challenges to be faced in the face of conflicting situations and the questioning of ideals and values, something recurrent in real combat contexts, thus providing relevant material for understanding human nature in extreme contexts. This allows for the appropriate application of the value of courage addressed by the PFV. As a methodology, a qualitative, bibliographic analysis was adopted, considering the traumatic moments, reflections on ideals and values, dilemmas, and forms of courage depicted in the work. In this way, it aims to generate a greater understanding of the psychological complexities experienced during war to contribute to the training of professionals prepared to deal with the challenging and real situations inherent to the career of an officer in the Brazilian Air Force.

**Keywords:** American Literature; Ethical and moral dilemma; Courage; PFV.

## INTRODUÇÃO

O título da obra de Ernest Hemingway (1899-1961) remete a um poema de John Donne, *Por quem os sinos dobram*, acerca da interconexão de todos os seres humanos e da responsabilidade que cada um tem pelos outros:

Nenhum homem é uma ilha, inteiramente isolado, todo homem é um pedaço de um continente, uma parte de um todo. Se um torrão de terra for levado pelas águas até o mar, a Europa fica diminuída, como se fosse um promontório, como se fosse o solar de teus amigos ou o teu próprio; a morte de qualquer homem me diminui, porque sou parte do gênero humano. E por isso não perguntai: Por quem os sinos dobram; eles dobram por vós (Donne, 2012).

No decorrer da obra, o autor trata da inevitabilidade da morte, da solidariedade humana e do sacrifício, o que esclarece o motivo da escolha do título nesse aspecto, aproximando a essência de seu livro ao poema de Donne. O poema ainda engloba a reflexão acerca de temas centrais do romance, como o sacrifício pessoal, o heroísmo, a luta pelo que acredita e a natureza efêmera da vida, remetendo à importância de morrer com dignidade e de lutar por uma causa justa, mesmo com a possibilidade de o resultado não vir a ser o que se deseja.

Nesse contexto de guerra, em que tudo é mutável e, muitas vezes, inesperado, surgem diversas situações em que os princípios dos personagens são postos à prova, frente a situações que os fazem questionar suas convicções, seus ideais e suas próprias atitudes. Dessa forma, quando

confrontados por si mesmos, e tendo que tomar decisões pelas quais serão responsabilizados e que trarão consequências tanto individuais como para o grupo ou para a causa pela qual lutam, surgem múltiplas evidências de coragem, valor que será utilizado como parâmetro de análise no decorrer deste artigo, o qual será avaliado em conjunto com a sua definição no Programa de Formação e Fortalecimento de Valores (PFV) da Força Aérea Brasileira (FAB).

Na presente pesquisa, foi adotada a obra *Por quem os sinos dobram* como objeto de estudo, em que, apesar do cunho ficcional, o autor contextualiza sua narrativa dentro de um cenário bastante fiel à realidade, criado em torno de suas percepções e experiências, visto que estava nele inserido como correspondente de guerra. Para melhor entendimento do contexto e significado da obra, é importante perceber que Ernest Hemingway foi um escritor que vivenciou ativamente as duas grandes guerras, pertencendo à denominada “geração perdida”<sup>5</sup>, e suas experiências de vida em tal contexto permeiam sua obra.

## ERNEST HEMINGWAY E EXPERIÊNCIA DE VIDA

Para compreender adequadamente a simbologia presente na escrita do autor, é essencial explorar sua biografia e o impacto crítico de seu trabalho por meio de uma revisão de sua fortuna crítica. As seguintes informações biográficas do autor foram retiradas da dissertação de mestrado de Macieira (2021) e baseadas nas obras de Baker (1971) e de Hotchner (1967).

Ernest Hemingway nasceu em 1899 em Oak Park, uma cidade do interior de Illinois, Estados Unidos. A influência de seu pai, um médico distante emocionalmente de seu filho, desempenhou um papel significativo em sua formação psicológica. O suicídio era recorrente em sua família, tendo sido cometido pelo pai e outros parentes, bem como, pelo próprio Ernest. Sua mãe era uma seguidora rígida da religião protestante e, após ter fracassado na carreira de cantora profissional, tinha a família como alvo de descarrego de suas frustrações. Sendo assim, os pais se tornaram fontes significativas de estresse psicológico para Ernest, que desenvolveu automutilação ainda na infância

Foi após a escola que a escrita e os relacionamentos amorosos se tornaram mais presentes em sua vida. Ele já havia participado do jornal da escola, mas foi somente nesse período que ele levou essa atividade a sério, com o emprego no jornal do Meio-Oeste, o *Kansas City Star*. É

---

<sup>5</sup> O período da Geração Perdida descreve aqueles que atingiram a maioridade durante a Primeira Guerra Mundial. Este termo se refere mais especificamente a um grupo de escritores americanos cujas obras foram publicadas após esse período. (Sherqobil ug'li; Nusratovich, 2023).

atribuída grande importância a esse período, considerando as regras da escrita jornalística como fundamentais para seu próprio estilo literário.

Em 1918, Hemingway se alistou na Cruz Vermelha Italiana. O autor havia sido rejeitado pelo exército norte-americano, provavelmente por sua visão imperfeita. No entanto, dispôs-se a arriscar a vida na Grande Guerra, lutando por um país com o qual não possuía nenhuma conexão, demonstrando suas fortes tendências idealistas e de busca por experiências intensas e significativas. Porém, não combateu diretamente as forças inimigas, tendo sido o seu papel dirigir ambulâncias.

Embora tenha passado um curto período na Europa, o tempo em que lá residiu marcou-o profundamente em vários aspectos. Em sua obra *Adeus às armas* (1929), é evidente como ele se baseou em suas experiências para construir o romance e criar o personagem principal. Entre essas experiências, a explosão de um morteiro, que destruiu completamente seu joelho, e o romance com uma enfermeira inglesa, por quem se apaixonou profundamente.

A vida e a obra de Hemingway estão intimamente ligadas, sobretudo, à Espanha, país onde viveu por quatro anos, levando-o a estabelecer uma conexão emocional e ideológica com os espanhóis. Ao cobrir a Guerra Civil Espanhola como jornalista para o *North American Newspaper Alliance*, ele não hesitou em se aliar às forças republicanas, evento que vem a ser o tema do livro *Por quem os sinos dobram*.

Sendo assim, a importância dos eventos que viveu não é só psicológica, mas também literária: a destrutividade espontânea da guerra, os resultados trágicos de pequenas decisões e sua falta de sentido generalizada serão importantes na constituição de sua literatura. Dessa forma, a efemeridade, a transitoriedade e a crueldade que existem nas relações amorosas aparecerão como tema de muitos de seus textos. Não foram poucos os personagens de Hemingway que sofreram traumas em decorrência de combates. Portanto, entende-se que as guerras pelas quais o autor passou durante sua vida marcaram profundamente sua obra literária.

### *POR QUEM OS SINOS DOBRAM*

O livro foi publicado em 1940 e narra a história de Robert Jordan, um norte-americano incumbido de explodir uma ponte em missão estratégica durante a Guerra Civil Espanhola. Ele se junta às forças guerrilheiras nas montanhas da Espanha e, enquanto luta ao lado de um dos grupos, vivencia a brutalidade, o amor e a morte, experienciando momentos em que necessita rever suas próprias convicções. Por meio dessa narrativa e de complexos personagens, Hemingway trabalha a

experiência humana diante da violência, explora temas como a coragem, o sacrifício e a busca por um propósito em um mundo de conflitos.

O início do livro apresenta Robert Jordan infiltrando-se nas montanhas espanholas com a finalidade de encontrar-se com os guerrilheiros republicanos. Ele é recebido por um grupo de guerrilheiros, incluindo Pablo, o líder; Pilar, esposa de Pablo; e Maria, uma jovem que escapou de um ataque inimigo e foi adotada pelo grupo. Jordan está encarregado da crucial missão de explodir uma ponte estratégica, a fim de dificultar o avanço de reforços das tropas rivais.

À medida que o início da operação se aproxima e os preparativos para explodir a ponte se intensificam, o grupo se prepara para realizar a missão durante a ofensiva republicana. As atrocidades da guerra são retratadas de forma detalhada e chocante, com descrições das batalhas, das vidas perdidas e das esperanças dos soldados.

Quando a batalha final começa, Robert e os guerrilheiros se unem ao exército republicano na luta contra as forças nacionalistas. Diversos desafios e obstáculos surgem além da dura realidade da guerra, como uma ameaça de traição por parte de Pablo e situações inesperadas que acabam por aumentar a tensão e os problemas enfrentados pelo grupo. No momento da explosão da ponte, alguns fatos não transcorreram como planejado e Jordan é gravemente ferido, passando a enfrentar a difícil circunstância de saber que não conseguirá sobreviver.

Analisando o contexto, a história e as visões apresentadas, percebe-se que o autor utiliza de suas próprias experiências e conhecimentos, haja vista ter testemunhado a Primeira Grande Guerra e ter participado na Guerra Civil Espanhola, para retratar a brutalidade da guerra e suas consequências. Nesse contexto, a obra de Hemingway é um importante retrato dessa guerra, que é considerado um dos marcos iniciais da Segunda Guerra Mundial, o qual traz preciosas fontes para análise das complexidades psicológicas e morais enfrentadas pelos indivíduos imersos no conflito.

## GUERRA CIVIL ESPANHOLA

Em 1931, o regime monárquico na Espanha foi destituído, sendo estabelecido um regime republicano, no qual prevaleceram elementos ligados ao socialismo. Aos poucos, ascenderam grandes movimentos de trabalhadores que exigiam reformas e outras melhorias, e essas manifestações passaram a incomodar os nacionalistas, grupo formado pela ala mais conservadora da Espanha (Pedro; Cáceres, 1982).

Quando, em 1936, um governo da Frente Popular foi eleito, o exército se declarou em estado de rebelião. Iniciava a Guerra Civil Espanhola: de um lado estavam os republicanos, grupo Leal à Segunda República Espanhola, constituído por representantes de trabalhadores, estudantes, camponeses e alguns pequenos industriais, que receberam apoio da União Soviética e de voluntários (Brigadas Internacionais); do outro lado encontravam-se os nacionalistas, liderados pelo general Francisco Franco, que reunia as forças tradicionais do exército e da Igreja e os grandes latifundiários, apoiados pela Itália Fascista e pela Alemanha Nazista, que, por sua vez, utilizaram-se da Guerra Civil na Espanha para testarem suas novas armas (Pedro; Cáceres, 1982).

“Formas extremadas de violência fratricida explodiram por toda a Espanha” (Graham, 2013, p.12). A Guerra Civil Espanhola foi considerada uma das mais violentas e cruéis da história e findou com a vitória dos falangistas, que conseguiram derrubar o Governo Republicano. Francisco Franco assumiu o poder em abril de 1939, implantando um regime que recebeu o nome de franquismo, e apenas se encerrou com a morte de seu líder, em 1975 (Campos, 1988).

O custo humano do conflito foi enorme, com uma considerável perda de vidas e uma ampla devastação econômica. Mesmo após o término do período franquista e da instauração de uma democracia na Espanha, as cicatrizes profundas da Guerra Civil Espanhola continuam a ecoar na consciência coletiva espanhola, ressaltando a herança permanente do conflito e a sua influência na sociedade e na história do país (Campos, 1988).

Para este artigo, o enfoque estará para o cenário de extrema violência e suas consequências devastadoras, “a luta deixou profundas feridas na sociedade espanhola, a ponto de pairar continuamente como uma assombração, uma caixa de Pandora, aquela capaz de concentrar todos os males. Uma trágica recordação de quão tênue é a cortina que nos separa da mais absoluta barbárie” (Buades, 2013).

## SÍNTESE

Tendo em vista o exposto anteriormente, compreende-se o contexto de violência extrema em que os personagens da obra estão inseridos, além das divergências políticas e ideológicas, que levaram à formação de diversos grupos, os quais levaram a Espanha ao caos instaurado. Hemingway reflete constantemente acerca das especificidades de uma Guerra civil, abordando temas como a identificação com seus adversários e o conhecimento mútuo entre pessoas que lutam em lados opostos, retratando também a brutalidade da qual o ser humano é capaz, demonstrando a

tênue linha existente entre a luta pela causa e o entretenimento na violência. Essa última será melhor discutida no desenvolvimento da presente pesquisa, ao abordar o discurso da personagem Pilar, no capítulo dez, situação na qual narra um massacre orquestrado pelo seu próprio grupo sob liderança de Pablo.

Sendo assim, a obra coloca os leitores em um cenário marcado por dilemas éticos e morais, em meio a uma guerra brutal e devastadora. Nesta análise, será explorado como esses elementos se entrelaçam e desempenham um papel fundamental na narrativa, o que traz uma reflexão sobre a natureza humana e os desafios enfrentados pelos personagens, que encarnam, nesse sentido, o valor da coragem.

Desde o início, Hemingway apresenta personagens marcados por um forte idealismo. Eles acreditam na luta contra o fascismo e carregam fielmente valores como a liberdade e a justiça. Porém, à medida que são confrontados com a violência e a realidade, esses ideais são testados e questionados, o que acarreta vários conflitos internos, permeados de dilemas éticos e morais; nesse ínterim, surgem tanto exemplos positivos como negativos de coragem.

Dessa maneira, a coragem emerge como um elemento essencial na trama. Os personagens demonstram atitudes tanto de coragem física como de coragem moral, arriscando-se em batalhas perigosas e enfrentando os horrores da guerra, ao mesmo tempo em que assumem a responsabilidade por suas escolhas e ações dentro do conflito, conhecendo as inúmeras consequências que podem estar por vir. Em contrapartida, alguns cedem a tendências traiçoeiras e incoerentes, além de posicionamentos pouco humanizados diante da violência. Assim, eles são confrontados com dilemas éticos e morais, momentos em que precisam tomar decisões difíceis, as quais envolvem uma busca pelo equilíbrio entre ações justas e ações necessárias para a sobrevivência ou para o alcance dos objetivos.

Sendo assim, a obra convida a uma análise da complexidade da natureza humana diante das circunstâncias mais desafiadoras, além de uma profunda reflexão acerca da ética e da moral em um cenário de adversidades, no qual as escolhas e as consequências são reais e impactantes, o que traz a responsabilidade em sua essência, sendo necessária a coragem moral para assumi-la.

Nesse ponto, o trabalho aqui proposto vai ao encontro do Programa de Formação e Fortalecimento de Valores da FAB, o qual “consiste em um conjunto de ações que norteiam as atividades a serem desenvolvidas por todos os setores das Organizações Militares do Comando da Aeronáutica” (Brasil, 2022, p. 9). Nele, a coragem é colocada como um exemplo de virtude dos

homens, imprescindível ao militar e um dos valores necessários para que os Cadetes/Alunos sejam desenvolvidos moral e eticamente.

Ainda segundo o PFV, foram classificados oito valores organizacionais que devem ser alvo do trabalho sistemático a ser realizado por intermédio desse programa e, dentre eles, está a coragem, com três valores complementares: bravura, tenacidade e coragem moral.

Posto isso, entende-se que a presente pesquisa justifica-se pela necessidade do oficial da Força Aérea Brasileira conhecer as situações e os dilemas que possivelmente enfrentará em um contexto de violência em uma guerra, e entender como ele pode se deparar com situações conflitantes e de questionamento de ideais e valores. Assim, haverá maior possibilidade de estar melhor preparado para o que pode vir a enfrentar, e terá o conhecimento necessário para fazer uso adequado de sua coragem, até então trabalhada pelo PFV.

Com este propósito, buscar-se-á responder: **Como a representação da violência e dos horrores da guerra em *Por Quem os Sinos Dobram*, de Ernest Hemingway, contribui para a exploração dos dilemas éticos e morais em um contexto de conflito, fazendo emergir diversas formas de coragem?**

O questionamento acima pretende alcançar o objetivo geral deste artigo, além dos seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar os momentos traumáticos e decisórios retratados que resultaram em conflitos internos para os personagens,
- b) Explorar como a experiência desses momentos afetaram suas visões de mundo e percepções dos próprios ideais,
- c) Investigar as diferentes formas de coragem apresentadas ou não pelos personagens diante dos dilemas éticos e morais, considerando tanto a coragem física quanto a coragem moral citadas no Programa de Formação e Fortalecimento de Valores.

## 1 REFERENCIAL TEÓRICO

Para o início desta análise, é necessário compreender alguns conceitos e ideias-base que foram fundamentais no decorrer de todo o trabalho, tendo sido utilizado como suporte ético-moral o PFV e, como suporte literário principal, as ideias e os estudos de Antonio Candido.

A presente pesquisa visa analisar o emprego da coragem na obra estudada de forma a possuir aplicabilidade para o Oficial da Força Aérea Brasileira. Por esse motivo, a principal



definição de coragem a ser utilizada é a que se encontra no manual do Programa de Formação e Fortalecimento de Valores:

É um estado de espírito que leva alguém a enfrentar, conscientemente, um perigo físico ou moral, a despeito do terror que este lhe inspire. A coragem de avançar diante de uma tropa inimiga e a coragem de assumir suas atitudes, independente das consequências, são expressões do que chamamos, respectivamente, de coragem física e coragem moral. A coragem é a virtude por excelência dos militares; e é no campo de batalha onde ela é mais necessária e onde se mostra com mais vigor. Pode e deve ser cultivada e incentivada (Brasil, 2022, p. 32).

Ainda sobre a coragem no meio militar, é importante ressaltar as concepções trazidas pelo Manual do Cadete:

A coragem sempre foi considerada por todos como a virtude por excelência dos militares. Os homens livres do medo necessariamente não são os que detém coragem, não afirmamos que o corajoso não sinta medo. O verdadeiro corajoso é aquele que, embora sentindo medo, ainda assim enfrenta aquilo que o atemoriza (Brasil, 2024, p. 18).

A obra de Hemingway está repleta de situações nas quais os personagens agem de maneira corajosa, principalmente diante de momentos difíceis e inesperados, que podem ser entendidos à luz do PFV. Dessa maneira, entende-se como relevante para o militar conhecer esses momentos para refletir acerca de suas futuras ações em situações similares.

Outrossim, como este trabalho centra-se fundamentalmente na análise acadêmica de uma obra literária, é essencial entender como essas obras são capazes de retratar, em seus textos, o contexto em que estão inseridas:

A literatura é essencialmente uma reorganização do mundo em termos de arte; a tarefa do escritor de ficção é construir um sistema arbitrário de objetos, atos, ocorrências, sentimentos, representados ficcionalmente conforme um princípio de organização adequado à situação literária dada, que mantém a estrutura da obra (Candido, 2023, p. 206).

Nesta análise, pressupõe-se que Ernest Hemingway realiza uma passagem do que viveu e de seu contexto para suas obras, assim transferindo os sentimentos, as vivências e os resultados para sua escrita, conforme enuncia Candido (2023), ao falar sobre a arte literária:

A arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando uma atitude de gratuidade (Candido, 2023, p. 63).

A obra de Hemingway, segundo Beilguelman-Messina (1990), é um romance histórico “porque, ao recriar a atmosfera em que a guerra ocorreu, possibilita que entremos em contato com alguns significados que a experiência histórica do conflito adquiriu no seu “acontecendo””.

Segundo Cosson e Schwantes (2005), “o romance histórico é aquela modalidade que faz da história um cenário para o exercício da ficção, uma fantasia criada a partir de fatos históricos”. Esse é um ponto importante para a pesquisa, pois utilizaremos a representação do cenário da obra como verídica e fiel à realidade, visto que o autor estava inserido no contexto narrado. De acordo com Muylaert et. al (2014), “as narrativas podem ser consideradas como representações ou interpretações de uma história e expressam a verdade de um ponto de vista em determinado tempo, espaço e contexto sócio histórico”.

Portanto, procurou-se encontrar, nesse contexto, os principais dilemas éticos e morais relatados, para que fossem analisados em consonância com o PFV. Para que seja possível compreender melhor esses dilemas da obra, é importante entender o que vem a ser a ética e a moral para o programa. Nesse sentido, ao trazer algumas definições de ética e moral, o PFV conclui que:

Em suma, ao considerar a ética como uma consequência de obrigações sociais, sendo elas normatizadas ou não, uma determinada ética pode ser traduzida numa prática moral, ou seja, a ética é a concepção e a moral é a prática desta concepção.

Assim, percebe-se que a ética e a moral são complementares, por isso, as situações aqui levantadas trazem os dilemas nesse contexto, em que a ética do indivíduo o leva a tomar uma decisão moral, a não ser que possua óbices em tal caráter. Essa complementaridade também é ressaltada no PFV, quando coloca o seguinte:

Cabe ressaltar que esta concepção ética poderia ser vista por duas lentes distintas: a concepção a posteriori, ou seja, a reflexão sobre a prática moral já estabelecida, desdobrando-se, inclusive, na tipificação desta prática; ou a priori, ou seja, a tipificação que se desdobra numa prática moral. Em qualquer das duas abordagens, a ética seria eminentemente conceitual e a moral eminentemente prática (Brasil, 2022, p.10).

Ademais, com o objetivo de acrescentar à concepção do PFV, foi feita uma pesquisa acerca da definição dessas duas palavras em questão no *Dicionário Básico de Filosofia*, de Hilton Japiassu e Danilo Marcondes:

Ética é a parte da filosofia prática que tem por objetivo elaborar uma reflexão sobre os problemas fundamentais da moral, mas fundada num estudo metafísico do conjunto das regras de conduta consideradas como universalmente válidas. Diferentemente da moral, a ética está mais preocupada em detectar os princípios de uma vida conforme à sabedoria filosófica, em elaborar uma reflexão sobre as razões de se desejar a justiça e a harmonia e sobre os meios de alcançá-las. A moral está mais preocupada na construção de um conjunto de prescrições destinadas a assegurar uma vida em comum justa e harmoniosa (Japiassu; Marcondes, 2001, p. 69).

A moral diz respeito aos costumes, valores e normas de conduta específicos de uma sociedade ou cultura, enquanto que a ética considera a ação humana do seu ponto

de vista valorativo e normativo, em um sentido mais genérico e abstrato (Japiassu; Marcondes, 2001, p. 134).

Ou seja, fica nítido que, para que um indivíduo tome as ações moralmente corretas, é necessário que possua uma ética intrínseca. Como a presente pesquisa tem seu foco voltado à formação de um Oficial bem preparado para tomar decisões e à importância do PFV nesse sentido, é importante enfatizar seu alinhamento com o Manual do Cadete, que “tem por finalidade estabelecer as regras gerais de conduta, comportamento e padronizações doutrinárias para a vida acadêmica do Cadete da Aeronáutica” (Brasil, 2024, p. 10).

Segundo o Manual do Cadete (2024, p. 12), “a palavra ética vem do grego “ethos” e significa caráter, comportamento. Ethos também pode ser empregado no âmbito pessoal, como as características da personalidade de um indivíduo que distinguem suas ações como corretas e justas ou incorretas e injustas”. Ainda segundo o Manual do Cadete (2024, p. 13), “a moral é a prática da conduta humana, constituindo-se em uma conduta moral, que pode ser mais ou menos alinhada com o que prescreve a ética e os costumes vigentes”.

Dessa forma, a ética é o ideal de comportamento que conduz o ser humano a decidir entre o bem e o mal de maneira mais abstrata, enquanto a moral é o conjunto de valores e normas de uma sociedade, com vistas a uma convivência harmoniosa, de maneira mais concreta. Por esse motivo é importante que o PFV trabalhe nesse sentido com os Cadetes, principalmente no que diz respeito à coragem, essencial para assumir difíceis responsabilidades ou ter a capacidade de enfrentar perigos físicos, como colocado pelo próprio manual do programa na definição de coragem citada anteriormente.

Transportando a análise de coragem para a obra de Hemingway, é interessante explicitar uma das simbologias utilizadas pelo autor na busca pelo heroísmo em meio a guerra. Essa simbologia se dá no chamado “herói de Hemingway”, que, no caso da obra estudada, é Robert Jordan:

Jordan é um típico herói de Hemingway, uma constatação que não é irrelevante, tendo em vista o que os críticos identificaram décadas atrás como o “código” de Hemingway, pois o autor claramente desejava encontrar um lugar para o heroísmo em um mundo no qual essa reverenciada qualidade tem se tornado cada vez mais irrelevante, e muito menos na guerra moderna, tecnológica (Burns, 2009).

Segundo Severino (2001), “muito embora assuma nomes diferentes nos vários romances de que participa, o herói de Hemingway caracteriza-se pela procura incessante, em um mundo moral e fisicamente corroído pela violência, de uma maneira de viver que lhe permita subsistir a meio do caos”. Para ele, existem, nas obras de Hemingway, três personagens que traçam sua trajetória na

obra de maneiras distintas em relação ao código: (1) o “herói de Hemingway”, que é a personagem principal, (2) o “herói do código” e (3) o “anti-herói do código”:

O herói de Hemingway não consegue atingir a maneira de viver que lhe permita encontrar, a meio do caos, uma relativa felicidade. As inúmeras aventuras por que passou, freqüentemente brutais e cruéis, feriram-no física e espiritualmente, contribuindo para que o código (nome dado pelos críticos à conduta que se alcançada, permitiria à personagem subsistir em um mundo inóspito e cruel) representa algo desejável, mas inatingível, apesar dos ingentes esforços do herói de Hemingway nesse sentido (Severino, 2001).

A personagem representativa do herói do código é, pois, símbolo do código seguido, a meio do ódio e violência da Guerra Civil de Espanha, pelo herói de Hemingway (Severino, 2001).

A fim de salientar a atuação do herói do código e, por conseguinte, a do herói de Hemingway, existe uma outra personagem constante na obra do romancista norte-americano que, em virtude de sua conduta diametralmente oposta à do herói do código, poderia ser chamada de anti-herói do código. O protagonista central de Hemingway encontra-se, portanto, no que diz respeito ao seu desenvolvimento emocional, em um ponto equidistante a essas duas personagens (Severino, 2001).

Severino (2001) identifica, em *Por quem os sinos dobram*, Pablo como o anti-herói e Anselmo como o herói do código. Além disso, a definição do código de Hemingway mostra sua relação direta com este trabalho no seguinte ponto: “disciplina, conhecimento, e coragem continuam a ser, pois, as características fundamentais do herói do código” (Severino, 2001).

## 2 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada substancialmente através de uma revisão bibliográfica:

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica (Bocato, 2006, p. 266).

Como principal fonte de dados, foi utilizada a obra *Por quem os sinos dobram*, de Ernest Hemingway, analisada, principalmente, à luz das ideias de Antonio Candido e do manual do Programa de Formação e Fortalecimento de Valores (MCA 909-1). Além disso, foram utilizados artigos acadêmicos, críticas literárias e obras convenientes ao tema para embasar o estudo e a compreensão dos tópicos explorados e fornecer as perspectivas para melhor entendimento do tema.

Por fim, o principal método utilizado dentro da pesquisa qualitativa será a análise de narrativas: “ela é utilizada para analisar dados qualitativos, identificando características marcantes de determinado indivíduo ou grupo, localizando temas comuns e até mesmo a descoberta de novos

conceitos que dão identidade aos dados coletados” (Nunes et al., 2017). Sendo assim, as características marcantes do grupo de republicanos retratado na obra serão identificadas para trazer as análises-chave em situações conflituosas de dilemas éticos e morais, para serem relacionadas com o elemento da coragem e, assim, alcançar os objetivos deste trabalho.

Essa abordagem qualitativa foi empregada na leitura minuciosa e análise de conteúdo da obra escolhida e dos outros materiais selecionados. Por meio de um procedimento de análise crítica e interpretativa, foram identificados os dilemas éticos e morais e as formas de coragem retratadas na obra. O levantamento de dados envolveu a identificação dos momentos-chave nos quais os personagens são confrontados com dilemas éticos e morais, a análise das escolhas feitas por eles e suas consequências, relacionando como a coragem surge intrinsecamente nesse processo. Os elementos narrativos, os diálogos e as descrições presentes na obra são fundamentais para a compreensão do cenário e o impacto por ele gerado. Posteriormente, os dilemas encontrados foram analisados juntamente com as definições e exemplificações do valor da coragem descrito no PFV, buscando, assim, as possíveis correlações.

Por fim, foram apresentados os resultados e conclusões da análise, visando compreender a influência do contexto de conflito para o questionamento psicológico de seus próprios ideais e valores e, conseqüentemente, o enfrentamento dos dilemas éticos e morais, bem como o papel da coragem, que estará permeando cada momento retratado.

### **3 DESENVOLVIMENTO**

Para iniciar a análise, é necessário compreender como o contexto em que as pessoas estão inseridas é capaz de moldar suas realidades: no caso do contexto de guerra, tudo é levado ao extremo e isso impacta diretamente os pensamentos e as ideias de cada um, levando-os a confrontar o sistema ideológico individual. É o contexto da guerra que coloca os valores dos personagens à prova, sendo essa atmosfera intensamente presente na obra, como citado por Azevedo ao comparar Henry James e Ernest Hemingway acerca da reação do personagem principal a esse meio:

A forma jamesiana e o estilo hemingwayano, cujas humanas possibilidades se jogam na coragem, convergem para uma mesma atitude de resposta do indivíduo quando confrontado com formas extremas de pressão e com o absolutismo da morte, ao mesmo tempo que conseguem delinear os contornos da honra e da integridade (Azevedo, 1994).

O cenário da Guerra Civil Espanhola é marcado por grande violência, sendo que a linha entre aliados e inimigos é bastante sutil. Além disso, alguns fatores, como a presença de diferentes

facções políticas com ideais opostos, o emprego de táticas de guerrilha e a intervenção de forças internacionais, contribuem com a complexidade do conflito.

Essa atmosfera imprevisível influencia diretamente as vidas dos personagens da obra: Robert Jordan é um professor universitário transformado em guerrilheiro, ele luta para se adaptar ao ambiente de incertezas em que foi inserido, demonstrando, durante toda sua trajetória, a vontade de manter frios os seus pensamentos; Maria foi uma vítima da guerra que, repentinamente acabou em um mundo de violência que desafiava sua visão anterior da realidade; e Pablo é o líder guerrilheiro, o qual enfrenta difíceis escolhas a medida em que a pressão da guerra influencia suas decisões, testando sua lealdade e valores.

Nesse contexto, as decisões são visivelmente ditadas pela necessidade de sobrevivência imediata. Por esse motivo, ocorrem as situações atípicas que levam os personagens a tomarem decisões nunca pensadas além desse contexto: alianças improváveis precisam ser formadas, alguns princípios acabam sacrificados, e a moralidade muitas vezes cede espaço aos deveres da guerra. Dessa forma, os personagens do romance foram expostos a esse tipo de decisões dentro do contexto extremo em que estavam inseridos, o que traz a temática dos dilemas éticos e morais aqui analisados. Ou seja, o contexto de violência os coloca em situações passíveis de análise acerca dos dilemas éticos e morais.

Para entender como a coragem surgiu ou não nas decisões de cada personagem, foram selecionadas algumas formas de dilemas éticos e morais recorrentes no decorrer do romance, como: (1) a traição e a confiança; (2) o conflito entre o indivíduo e o coletivo; (3) a moralidade da violência; e (4) o sacrifício pessoal.

### 3.1 TRAIÇÃO E CONFIANÇA

Pablo que, segundo Severino (2001) representa o anti-herói do código, é um personagem que apresenta um papel na trama intrinsecamente ligado ao tema da traição, especialmente no que diz respeito à ambição que a riqueza material lhe trouxe, além do nítido medo da morte e suas fugas covardes. Inicialmente, é apresentado como um guerrilheiro experiente, é o líder do grupo de guerrilheiros com os quais Robert Jordan se une na luta contra as forças franquistas durante a Guerra Civil Espanhola; porém, ao longo da narrativa, começa a demonstrar sinais de traição ao se tornar cada vez mais preocupado com sua própria sobrevivência e seus interesses pessoais.

As tendências à traição de Pablo ficam claras desde o início da obra, quando Anselmo o apresenta a Robert Jordan, o qual já começa a traçar certas percepções acerca das falas e atitudes de Pablo: “Ele deve ter uma vestimenta e tanto, mas não gostei daquela tristeza. É mau sinal. É a tristeza que eles têm antes de desertar ou trair. É a tristeza que aparece antes de se venderem” (Hemingway, 2023, p. 31). Além disso, Anselmo também demonstra suas opiniões acerca de Pablo nesse sentido:

— Para mim, o mais importante, neste momento, é não sermos perturbados neste lugar — Pablo sentenciou. — No que me diz respeito, agora, minha obrigação é para com aqueles que estão comigo e para comigo.  
 — Para contigo mesmo, sim — interferiu Anselmo. — Para contigo agora e desde há muito tempo. Para contigo e com teus cavalos. Quando tu não tinhas os animais, estava com a gente. Agora tu és um capitalista a mais.  
 — Isto é injusto — protestou Pablo. — Eu arrisco os cavalos o tempo todo pela causa.  
 — Muito pouco — desdenhou Anselmo. — Na minha opinião, muito pouco. Roubar, sim. Comer bem, sim. Matar, sim. Lutar, não.  
 — Você é um velho que vai acabar criando problemas para si mesmo com esta sua boca.  
 — Sou velho, mas não tenho medo de ninguém. E também sou um velho sem cavalos.  
 — É um velho que talvez não viva muito tempo.  
 — Sou um velho que viverá até morrer. E não tenho medo de raposas (Hemingway, 2023, p. 36).

Ao longo da narrativa, Pablo mostra constante desconfiança em relação aos outros membros do grupo, especialmente em relação a Robert Jordan, desenvolvendo um grande receio de traição, o que reflete na atmosfera de desconfiança que permeia o ambiente da guerra civil. Pablo começa a deixar de lado a causa e a luta pelo bem maior devido ao medo de perder o que já adquiriu, seus cavalos e a segurança do grupo naquelas montanhas, sentimento que é retratado desde o início do encontro entre ele e Robert: “O velho estava certo. Os cavalos o fizeram rico e, tão logo enriqueceu, ficou com vontade de desfrutar a vida” (Hemingway, 2023, p. 37)

Pablo, inicialmente um líder respeitado do grupo, torna-se cada vez mais consumido pelo medo e pelo desejo de autopreservação, como comenta Pilar – “Ele era um bom homem. Mas agora está acabado” (Hemingway, 2023, p. 59) – ou Anselmo e Rafael:

— Pablo era corajoso no começo — disse Anselmo. — Pablo levava tudo a sério no começo.  
 — Matou mais gente do que o cólera — disse Rafael. — No início do movimento, Pablo matou mais gente do que a febre tifoide.  
 — Mas há muito tempo que ele anda muy flojo — contou Anselmo. — Amoleceu. Está com muito medo de morrer (Hemingway, 2023, p. 51).

Ele percebe que a missão de destruir a ponte é muito perigosa e teme as consequências devastadoras que poderiam resultar de um confronto direto com as forças inimigas, o que aumenta visivelmente sua ansiedade e suas preocupações com a própria segurança. Pablo ainda teme que membros de seu próprio grupo possam traí-lo, e essa preocupação o leva a tomar medidas extremas para evitar a suposta traição, inclusive tomando decisões que prejudicam a causa republicana, tendo ele próprio acabado por se tornar o traidor, como mencionado por Severino (2001): “A fim de garantir sua fuga, Pablo mata seus companheiros, servindo-se de seus cavalos para fugir. Pablo está preocupado com sua própria sobrevivência; a causa dos Legalistas é para ele secundária”.

Suas ações levantam questões éticas sobre a lealdade ao grupo, o sacrifício individual em prol da causa e a ponderação entre o bem maior e a sobrevivência pessoal. Pablo mostrou-se covarde perante o grupo; sua ambição individual unida à certeza de que morreria o fizeram trair seu próprio grupo e seus ideais do início da guerra. Se um membro da equipe não está completamente disposto a lutar pela causa e é passível de ser corrompido por caprichos individuais, toda a operação corre perigo. Portanto, é necessário treinar a equipe para que esteja completamente comprometida com seus deveres, que carreguem consigo a coragem de permanecer na luta pelo bem comum, independente dos percalços que venham a aparecer ou do medo da provável morte, o que corrobora o quarto objetivo do PFV: “sensibilizar todos os envolvidos da importância e da necessidade de manter a coesão irrestrita em torno dos mesmos valores, o que é fundamental para formar uma tropa forte, motivada e altamente capaz” (Brasil, 2022, p. 11).

### 3.2 O CONFLITO ENTRE O INDIVÍDUO E O COLETIVO

Neste tópico inicialmente retoma-se o título da obra, *Por quem os sinos dobram*, referente ao poema de John Donne que aborda a interconexão entre todos os seres humanos e a responsabilidade que cada um tem pelos outros. Ou seja, o próprio título da obra já demonstra como ela abordará a importância do coletivo e reconhece que a ação de uma pessoa possui grande impacto sobre o grupo.

As personagens são confrontadas com a difícil escolha entre seus próprios interesses e o bem-estar coletivo, forçando-os a ponderar sobre o que estão dispostos a sacrificar em nome de suas convicções. Segundo Beilguelman-Messina (1990): “é interessante perceber que essa tensão, “Causa” x indivíduo, se intensifica porque o protagonista oscila o tempo todo entre a certeza e a interrogação, e é justamente nesse movimento pendular que o autor cria a intensidade dramática da



reflexão”. Isso mostra que até mesmo Robert, que está o tempo todo na busca de agir dentro dos padrões éticos e morais esperados, se depara com dúvidas e questionamentos, embora sempre acabe tomando as decisões a favor da causa e do bem coletivo.

No início do livro, Pablo demonstra preocupação com o bem-estar de seu pequeno grupo em relação a manutenção do lugar seguro onde vivem. Por esse motivo, acaba por deixar em segundo plano os objetivos que deveria seguir, visto que considera mais importante a sobrevivência de todos. Contudo, os próprios membros do grupo discordam de Pablo acerca de não operar próximo de onde moram e aceitam o risco de sacrificar sua segurança pelo bem maior, pois entendem como a missão a ser realizada é necessária, mesmo que em detrimento da comodidade atual:

— Todo mundo tem que fazer aquilo que pode e do jeito que puder — disse ele. — Eu vivo aqui e opero para além de Segóvia. Se você perturbar este lugar, seremos afugentados destas montanhas. É somente por que não fazemos nada por aqui que podemos viver nestas montanhas. É o princípio da raposa.  
— Sim — disse Anselmo, com aspereza. — É o princípio da raposa quando a gente precisa é do lobo (Hemingway, 2023, p. 30).

Dessa forma, Pablo demonstra covardia, pois devido ao receio de perder seu bem-estar, ele tenta esquivar-se de realizar um ataque próximo ao seu abrigo, optando por não colaborar neste aspecto, tendo em vista preferir não receber as consequências desse ataque. Em contrapartida, tendo como base o que foi dito por Burns (2009): “está no código individual do herói de Hemingway que nem ideais ou preferências pessoais devem determinar o curso de uma ação”, surge a figura de Robert Jordan como bom exemplo de coragem: durante toda a obra, ele pondera questões como essa, mas sempre recorda a responsabilidade que assumiu e o dever que tem a cumprir.

### 3.3 A MORALIDADE DA VIOLÊNCIA

Uma passagem de extrema relevância no livro é o discurso de Pilar, no capítulo dez. Nessa cena, Pilar conta a Robert e Maria sobre um massacre de fascistas liderado por Pablo. Na situação, o grupo de Pablo havia atacado a guarda civil: em determinado momento, quando quatro guardas civis saíram e se renderam, Pablo os colocou contra a parede e posicionou quatro de seus homens apontando uma arma contra cada guarda. Pablo e outros entraram e terminaram de matar os feridos, enquanto os quatro guardas contra a parede permaneceram calados. Ao narrar o ocorrido, Pilar mostra, por vezes, se identificar com o inimigo: “Eles eram altos, com caras de *guardias civiles*,

parecida com a minha. Exceto pelo fato de que eles estavam com a barba por fazer e estavam parados contra a parede, calados” (Hemingway, 2023, p. 157).

Pablo considera os guardas como assassinos, mesmo que lhe dissessem que nunca haviam matado alguém; após Pablo matar um por um, mais uma vez Pilar traz uma comparação que denota a identificação com o inimigo:

Eu estava parada segurando aquela pistola pesada, e senti enjoo no estômago, quando olhei os corpos daqueles guardas mortos no chão. Todos cobertos de poeira cinza como nós, mas cada um deles umedecendo com o próprio sangue a poeira seca da parede onde se encostavam (Hemingway, 2023, p. 159).

Então, Pilar começa a contar a cena que, segundo ela, nunca mais queria ver em sua vida. Pablo havia organizado a praça da cidade para a execução dos outros fascistas de maneira brutal. Ele organizou duas filas de pessoas aliadas, que cruzavam a praça e iam até a beira do penhasco, todas armadas com manguais, bastões, forcados de madeira e outros utensílios. Ao invés de matar os fascistas por fuzilamento, fariam-nos andar por entre essas filas até o penhasco enquanto apanhavam das pessoas que compunham as filas. O primeiro a aparecer foi o prefeito.

Nada aconteceu; caminhou entre as colunas de homens com manguais, e nada; passou por dois homens, quatro, oito, dez e nada, caminhava de cabeça erguida entre aquelas duas paredes de homens, a cara gorda, piscando e virando alternadamente os olhos para os lados, e mantendo o passo. E nada aconteceu.

— De uma sacada alguém gritou: “Qué pasa, cobardes?” Qual é o problema, covardes?”, e Dom Benito continuava caminhando entre os homens sem nada acontecer. Então eu vi um homem, três corpos abaixo de onde eu estava, com a cara transtornada, mordendo os lábios, as mãos pálidas no mangual. Ele fitou Dom Benito, acompanhando-o com os olhos no que ele vinha em sua direção. Até então nada sobreveio. De repente, um pouco antes de Dom Benito emparelhar com esse homem, o sujeito levantou seu mangual tão bruscamente que atingiu o companheiro mais próximo, e desceu uma porrada em Dom Benito, no lado da sua cabeça (Hemingway, 2023, p. 167).

Assim, todos começaram a bater nele e todos continuaram até que ele caísse do penhasco. “O primeiro a agredi-lo foi um Tenente de Dom Benito e os dois nunca se deram bem. Tinha havido uma disputa por um pedaço de terra” (Hemingway, 2023, p. 168). Percebe-se aqui como ninguém teve a iniciativa de dar o primeiro golpe, até que fosse dado por um homem que já o odiava, então todos começaram a agir com impiedade e crueldade, indo contra seus próprios instintos iniciais de não atacar o homem com tal brutalidade. Segundo Hannah Arendt (1999), “a banalidade do mal é o fenômeno da recusa do caráter humano do homem, apoiado na recusa da reflexão e na tendência em não assumir a iniciativa própria de seus atos”. Percebe-se, assim, que os homens nessa situação foram levados a praticar o mal, devido a sua normalização no meio em que estavam inseridos.

A reflexão que fica ao analisar o discurso de Pilar é perceber como a atitude dos homens foi mudando a cada fascista que passava pela fileira, tornando-se cada vez mais animal. Além disso, a própria Pilar, que havia assumido postura debochada durante o ataque, transforma seu discurso:

Apesar de estar do lado vitorioso desse embate, a mujer de Pablo não encontra satisfação nos eventos presenciados. Seu posicionamento, inicialmente debochado diante da superioridade de seu grupo sobre os opositores derrotados (por ora), transforma-se à medida que seus próprios princípios e senso de justiça são colocados em cheque diante da violência banalizada e espetacularizada, tornada em entretenimento. Sua concepção de inimizado não mais se resume a uma posição política, mas à dignidade humana (Selner; Ferreira, 2019).

É comum observar estas cenas em contexto de guerra, em que o ato de matar seus inimigos vai além do cumprimento do dever e da defesa da causa e torna-se um ato de crueldade além do necessário. Segundo Beilguelman-Messina (1990), “essa é uma das discussões mais importantes do romance: a ética do combate de quem luta por um ideal, quando matar é um ato legítimo (em que medida a “Causa” legitima a morte de outro homem) e como morrer de um modo íntegro”. Neste quesito, um diálogo entre Anselmo e Robert Jordan retrata bem a questão de matar seres humanos em meio à guerra, e até que ponto está dentro do que é tomado por correto:

— Você já matou alguém? — perguntou Robert Jordan, na intimidade da escuridão e do dia inteiro que passaram juntos.

— Já. Muitas vezes. E não senti prazer algum. Para mim é pecado matar um homem. Mesmo os fascistas, que devemos matar. Penso que há uma grande diferença entre matar um urso e um homem, e não acredito nessa bruxaria toda dos ciganos sobre o parentesco com os animais. Não. Eu sou contra qualquer matança de homens.

— Apesar disso, você já matou alguns.

— Já. E vou matar novamente. Mas se eu sobreviver, tentarei viver de maneira a não fazer nenhum mal a mais ninguém, e desse jeito espero ser perdoado.

(...)

— Acho que sim — disse Anselmo. — Já que você colocou assim de forma tão clara, deve ser isto. Mas, com ou sem Deus, eu acredito que é pecado matar. Tirar a vida de outra pessoa é muito grave para mim. Farei isso se necessário, mas não sou da raça do Pablo.

— Para vencer uma guerra, devemos matar o nosso inimigo. Isto sempre foi a verdade. — Certamente. Na guerra a gente tem que matar. Mas eu tenho ideias bastante incomuns — disse Anselmo.

— Mas, mesmo assim, já mataste. — Já — disse Anselmo. — E vou matar muitas vezes ainda. Mas não com prazer, e sempre considerando este ato um pecado (Hemingway, 2023, p. 72).

Fica claro o contraste entre o massacre de Pablo e a ideia de Anselmo acerca da morte de seus oponentes, o que remete à ideia do herói e anti-herói do código. O massacre virou uma atitude cruel e de violência desnecessária, como colocado por Selner e Ferreira (2019): “percebe-se a mudança no discurso dela a partir do momento em que ela se dá conta de que a violência praticada

por seus aliados não tem só o objetivo político inicial, mas é ao mesmo tempo uma forma cruel de entretenimento”. Já Anselmo sabe bem a diferença do seu dever e do que deve ser feito em relação a matar, porém não sente prazer algum em seu cumprimento.

Nesse contexto, a primeira forma de coragem retratada é a coragem moral de Pilar: ao demonstrar sua mudança de visão do início do ataque ao final dele, e sua forma de pensar acerca do ocorrido depois de passado certo tempo, assume sua parcela de culpa nas atrocidades, reconhecendo a forma irresponsável pela qual realizaram a execução e refletindo sobre a real necessidade de tais atitudes.

Outra representação da coragem está nas atitudes de Anselmo que, mesmo considerando matar outros homens algo errado, entende o contexto em que está inserido e a necessidade de suas ações para com o cumprimento de seu dever. Porém, sem utilizar-se do contexto para moralizar certas atitudes de crueldade ou obter algum prazer por estar “autorizado” a fazer coisas que não poderia fazer em um cenário de paz. Esse contraste entre Anselmo e Pablo é também comentado por Severino (2001): “Anselmo é bondoso e compreensivo, enquanto Pablo é egoísta e covarde. Anselmo sente a necessidade de liquidar o inimigo, mas fá-lo com relutância. Pablo mata impiedosamente, saciando-se com a aflição de suas vítimas”.

### 3.4 O SACRIFÍCIO PESSOAL

O tema do sacrifício levanta questões éticas complexas acerca do valor da vida humana e dos limites da lealdade e do dever. O compromisso com uma causa maior frequentemente exige sacrifícios pessoais. Ao final da obra, após ter cumprido seu objetivo de explodir a ponte, quando o grupo está se retirando do local, Jordan fratura sua perna esquerda, encontrando-se em uma condição em que só seria mais um fardo para o grupo e poderia prejudicar na fuga. Por esse motivo, pede para que o grupo vá e o deixe para trás. Como colocado por Burns (2009): “Jordan está disposto a se sacrificar e não teme a morte porque sua preocupação maior é com a tarefa a ser executada”. Retrata-se nessa cena a coragem física de Robert Jordan, que inicialmente se arrisca bravamente pelo objetivo e acaba lesionando-se e, posteriormente, abre mão da própria vida para proteger o grupo, entregando-se completamente à causa pela qual lutava.

Retomando a definição de coragem do PFV – é no campo de batalha onde ela é mais necessária e onde se mostra com mais vigor. Pode e deve ser cultivada e incentivada – percebe-se que as ações de Robert Jordan enquadram-se perfeitamente, tendo ele agido completamente ao

encontro desta definição, necessitou empregar sua coragem em campo de batalha, onde, de fato, ela se mostrou ser mais necessária. Suas atitudes provavelmente vieram à tona em virtude de seu prévio treinamento e preparação, tendo frisado desde o início do livro seu comprometimento e seu dever:

Ele tinha apenas uma coisa a fazer: deveria estar muito consciente de sua tarefa e enfrentar o que quer que acontecesse, sem outras preocupações. Preocupar-se era o mesmo que sentir medo. Simplesmente tornava tudo mais difícil (Hemingway, 2023, p. 26).

“Diacho, tão poucos sobreviveram. E se você ficar pensando nisso, meu garoto, nem você sobreviverá. Desligue os pensamentos agora, veterano, velho camarada. Agora você é um especialista em explosão de pontes. Não é um pensador” (Hemingway, 2023, p. 38).

Ademais, sozinho em seus momentos finais, Robert começa um intenso momento de reflexão consigo mesmo:

Fique agora com o que acredita. Não seja cínico. O tempo é muito curto e você acabou de mandá-la embora. Cada um faz o que pode. Você não pode fazer nada por si mesmo, mas talvez possa fazer pelos outros. Bem, tivemos toda a nossa fortuna em quatro dias. Não foram quatro dias. Já era de tarde quando eu cheguei lá, e não verei a tarde de hoje. São apenas três dias e três noites. Seja preciso. Bem preciso. Acho melhor abaixar-me agora. É melhor ficar onde possa ser útil, em vez de me largar assim como um mendigo. Você teve muita sorte. Há muitas coisas piores do que essa. Todos acabam enfrentando isto, mais cedo ou mais tarde. Não está com medo, já que você sabe que tem que fazer isto, ou está? (Hemingway, 2023, p. 665).

Dessa forma, Robert entende seu sacrifício, sabe os momentos difíceis que passou com o grupo, mas também as coisas boas que construiu, principalmente com Maria, aceita sua situação e se esforça para fazer o melhor que pode com o que tem, pois, como dito por Burns acerca dos padrões morais do herói de Hemingway:

O comportamento correto, portanto, é agir com coragem e determinação, não se descuidar dos companheiros, ser “profissional”, se esse comportamento pode assim ser classificado, e manter os padrões éticos mesmo quando um homem está diante de sua própria derrota e da vitória do inimigo (Burns, 2009).

Desse modo, Robert deixa que o grupo vá, para que não lhe seja empecilho, e também posiciona-se de forma a fazer um último ataque na tentativa de conceder mais tempo aos seus companheiros. Ele sacrifica sua vida e seus últimos momentos pelo bem maior, demonstrando um grande exemplo de coragem física e moral: física por ter se entregado, lutado, sido ferido e aceitado até a morte em sua batalha, e moral por ter aberto mão de tudo que construiu, de um futuro que sonhava ter com Maria, de uma vida após a Guerra pelo seu dever.

Nessa cena final, também é válido ressaltar a coragem de Maria em deixá-lo para trás; sua vontade é de ficar junto com Jordan, porém isso não seria útil para o grupo e não traria paz a

Robert. Caso Maria tivesse ficado ali e se recusado a continuar de todas as formas, possivelmente teria atrasado o grupo e poderia ter prejudicado a fuga de todos. Sendo assim, foi necessário coragem de sua parte para aceitar a situação em que se encontravam, entender que não havia mais o que fazer em relação a Robert e seguir em frente, pois a missão para ela ainda não tinha chegado ao fim.

Beilguelman-Messina (1990), em outra obra de Hemingway, *Death in the afternoon*, aponta que saber morrer é uma qualidade essencial ao bom matador. E esse saber implica não só na aceitação da morte com tranquilidade, mas também com dignidade, ele cita ainda a atitude de El Sordo, chefe do bando vizinho, que incorpora essa certeza da morte como um matador: em meio ao bombardeio aéreo que dizimará seu bando, corajosa e estoicamente, enfrenta-o declarando: “*Hay que tomar la muerte como si fuera aspirina*” (Beilguelman-Messina, 1990).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, a coragem é um tema central na obra, que reflete não apenas a bravura física dos personagens em face do perigo durante a Guerra Civil Espanhola, mas também a coragem moral necessária para enfrentar os dilemas éticos e morais no contexto da guerra. As personagens são desafiadas a decidir entre se esquivarem ou confrontarem seus medos e limitações, agindo com determinação e fidelidade aos seus princípios diante das adversidades mais extremas ou se deixando levar pelo medo e pelo egoísmo, como citado por Buades (2013): “alguns tiveram oportunidade de mostrar, com seus atos, as maiores bondades do ser humano; e outros, com sua baixaza, aprofundaram a miséria da condição humana até patamares inauditos”.

Ao desenvolver cada uma das situações citadas, identificando os momentos traumáticos e decisórios, e entender como geraram conflitos internos aos personagens, colocando-os frente aos dilemas levantados, ficou nítido como o valor da coragem é necessário ao enfrentamento dessas adversidades. Ele surge como o pilar que faz o indivíduo agir ou não da forma mais correta possível pautada nos valores que carrega, agindo em prol do coletivo ou do próprio bem-estar. Nesse sentido, segundo a DCA 11-45: “os valores são princípios duradouros que sintetizam a essência da organização. São fundamentais para agrupar as pessoas em torno de pensamentos comuns e proporcionar-lhes senso de direção diante das constantes mudanças do cotidiano”. Por isso, o PFV mostra-se extremamente importante ao trabalhar o valor da coragem:

No cenário atual, é extremamente oportuno que não somente os Cadetes e Alunos das escolas de formação da DIRENS, mas todos os integrantes do efetivo sejam

levados a refletir, com profundidade, sobre as questões de ética e de apego aos valores, temas que a própria sociedade brasileira organizada vem tentando resgatar. Assim, é necessário fundamentar, em bases sólidas, a convicção nas crenças, a cultura e as tradições inerentes ao papel e à missão das Forças Armadas, visto ser inegável haver um conflito entre os tradicionais valores militares e os valores hedonistas da sociedade moderna, voltados para o consumo e o prazer, num contexto de diversidade de interesses e relativismo (Brasil, 2022).

Além disso, a coragem esteve intrinsecamente ligada a todas as decisões tomadas pelos personagens diante das situações enfrentadas, as quais são retratadas no livro e comumente observadas durante os conflitos armados. Dessa forma, a obra de Hemingway contribui para a exploração de dilemas éticos e morais comuns nas guerras, como os citados no desenvolvimento do presente artigo, ao inserir seus personagens no contexto de violência extremada da Guerra Civil Espanhola. Dessa maneira, mostra a forma como esses momentos afetaram as visões e percepções dos personagens e traz o valor da coragem em exemplos positivos e negativos mediante as ações tomadas por eles.

Dessa forma, a análise da obra com o enfoque da coragem e das atitudes corretas ou não a serem tomadas frente a situações de conflito, violência e pressão corrobora diretamente os conhecimentos esperados do PFV em relação ao valor da coragem, como:

- a) Diferenciar os diversos tipos de coragem;
- b) Identificar a coragem como fator de dignidade do ser humano; e
- c) Conhecer os principais vínculos entre as definições de coragem e a profissão militar.

O entendimento desses conceitos e sua aplicabilidade vai ao encontro dos comportamentos esperados do PFV também em relação ao valor da coragem, como:

- a) Estimular, entre seus pares, a vivência da coragem e a possibilidade de auto-aperfeiçoamento do caráter através da prática desta virtude;
- b) Assumir a responsabilidade por seus atos em quaisquer circunstâncias;
- c) Incentivar a noção de que a coragem é virtude necessária e indispensável à profissão militar;
- d) Buscar o autocontrole nas situações mais adversas, enfrentando seus medos e receios;
- e) Assumir sempre que houver cometido alguma falha ou desvio de conduta, ainda que o mesmo seja passível de punição (severa ou não), sem esperar que este ato o exima de sua responsabilidade; e
- f) Exigir e estimular as atitudes corajosas entre seus pares, com a ênfase de que a coragem é pressuposta para obtenção de vitória e é a virtude, por excelência, dos militares.

Sendo assim, a representação da guerra na obra de Hemingway forneceu o material necessário para que os dilemas éticos e morais, normalmente enfrentados em conflitos reais, fossem analisados e explorados sob a ótica da coragem. Assim, pôde ser demonstrada a importância do trabalho realizado pelo PFV, principalmente no que diz respeito ao processo de formação do futuro Oficial da FAB, o qual necessitará do valor da coragem bem trabalhado, frente situações adversas, para, assim, tomar as melhores decisões em prol do bem comum e do que lhe é esperado pela Força Aérea Brasileira.

## REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**. Companhia das Letras, ed. 1, 1999.

AZEVEDO, Carlos. James e Hemingway: as artes da ficção. **Revista da Faculdade de Letras-Línguas e Literaturas**, v. 11, 1994.

BAKER, Carlos. **Ernest Hemingway**: O romance de uma vida. Civilização Brasileira, 1971.

BEILGUELMAN-MESSINA, Giselle. Hemingway e a Guerra Civil Espanhola. **Revista USP**. Março/Abril e Maio, 1990.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

BRASIL. Ministério da Defesa. Comando da Aeronáutica. Doutrina. Portaria AFA nº 533/SUBCMDO-CCAER. **Manual do Cadete**. Pirassununga, SP, 2024.

BRASIL. Ministério da Defesa. Comando da Aeronáutica. Estado-Maior da Aeronáutica. Portaria EMAER nº 21/ISC. **Programa de Formação e Fortalecimento de Valores - PFV: MCA 909-1**. Boletim do Comando da Aeronáutica, Brasília, DF, 2022.

BUADES, Josep M. **A guerra civil espanhola**: O palco que serviu de ensaio para a Segunda Guerra Mundial. Contexto, 2013.

BURNS, Tom. Ernest Hemingway e a Guerra Civil Espanhola. **Aletria**: Revista De Estudos De Literatura, v. 19, n. 2, 225–236, 2009.

CAMPOS, Raymundo. **Estudos de história**: moderna e contemporânea. São Paulo: Editora Atual, 1988.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Todavia, 2023.



COSSON, Rildo; SCHWANTES, Cíntia. **Romance histórico**: As ficções da história. Itinerários: Revista de literatura, Araraquara, SP, ed. 23, 2005.

DONNE, John. **Meditações**. Trad. Fabio Cyrino. 1. ed. Landmark. 2012.

GRAHAM, Helen. **Guerra civil espanhola**. Tradução: Vera Pereira. 1. ed. L&PM, 2013. 208 p.

HEMINGWAY, Ernest. **Por quem os sinos dobram**. Tradução: Luís Peazê. 24. ed. Bertrand Brasil, 2023. 672 p.

HOTCHNER, A. E. **Papa Hemingway**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. ZAHAR, Jorge (ed.). 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro, 2001.

MACIEIRA, João Arthur Basile. **Ernest Hemingway entre a literatura e a história**. Orientador: Marcelo Gantus Jasmin. 2021. Dissertação de Mestrado (Pós-Graduação em História Social da Cultura) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2021.

MUYLAERT, Camila Junqueira et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, n. spe2, p. 184-189, 2014.

NUNES, Larissa Soares; DE PAULA, Luciane; BERTOLASSI, Thiago; NETO, Antonio Faria. A análise da narrativa como instrumento para pesquisas qualitativas. **Ciências Exatas**, v. 23, n. 1, 2017.

PEDRO, Antonio; CÁCERES, Florival. **História geral**. 1. ed. Moderna, 1982. 317 p.

SELNER, Raquel; FERREIRA, Rejane de Souza. **O discurso de Pilar**: política, entretenimento e violência em Hemingway. *Revell*, v. 3, n. 23, 2019.

SEVERINO, A. O papel da personagem: o herói do código nos romances de Ernest Hemingway. **Alfa**: Revista de Linguística, São Paulo, v. 13, 2001.

SHERQOBIL UG'LI, Mengziyoyev Jahongir; NUSRATOVICH, Karimov Ulug'bek. **Lost generation'in american literature**. Научный Фокус, v. 1, n. 2, p. 404-408, 2023.